

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
23 e 28 de Dezembro de 2024

THE WOMAN I LOVE / 1937

um filme de ANATOLE LITVAK

Realização: Anatole Litvak Argumento: Mary Borden a partir do romance de Joseph Kessel (L'Équipage, 1923) Fotografia: Charles Rosher Montagem: Henri Rust Música: Arthur Honegger, Maurice Thiriet Direção artística: Van Nest Polglase Guarda-roupa: Walter Plunkett Efeitos especiais: Russell A. Cully, Vernon L. Walker Interpretação: Paul Muni (Tenente Claude Maury), Miriam Hopkins (Helene Maury), Louis Hayward (Tenente Jean Herbillion), Colin Clive (Capitão Thelis), Minor Watson (Deschamps), Elisabeth Risdon (Sra. Herbillion), Paul Guilfoyle (Bertier), Wally Albright (Georges), Mady Christians (Florence), Alec Craig, Owen Davis Jr., Sterling Holloway, Vince Barnett, etc.

Produção: RKO (EUA, 1937) Produtor: Albert Lewis Título alternativos: Escadrille, The Woman Between Título na película: The Woman Between Cópia: NFTVA, 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português, 85 minutos Estreia: 15 de Abril de 1937 Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.

Bem podiam deixar de brincar aos heróis um bocadinho. Bem podiam parar e pensar, ninguém se põe em posição marginal de defesa, a aplaudir, a sorrir, sem mostrar nada do que sente quando tudo aquilo que amamos está em perigo. Di-lo a Miriam Hopkins, que é Hélène e também Denise, na última meia hora deste filme de Anatole Litvak em que contracena com Paul Muni e Louis Hayward, ambos tenentes de aviação e camaradas. É uma cena de equívocos, num filme de guerra. Uma narrativa da Primeira, à beira da Segunda Guerra Mundial. E uma das cenas de Hopkins (com o parceiro conjugal, interpretado por Hayward) assinalando o drama privado além da bravura, dos códigos de caserna, de honra, de masculinidade condicentes com o fundo colectivo da história. O seu papel no triângulo amoroso que se desenha no desconhecimento dos dois outros elementos mantém-se um pouco na margem. A perspectiva é masculina, está no título.

Desloca-se para o singular o protagonismo do filme, que traz heróis, ou tanto quanto, desfavorecendo o plural da equipa. *The Woman I Love* é a primeira produção de Hollywood realizada por Anatole Litvak, um *remake* do seu penúltimo filme francês, *L'équipage (A Equipagem, 1935)*, triangulado por personagens interpretadas por Annabella, Charles Vanel e Jean Murat, a partir do mesmo romance de Joseph Kessel (*L'équipage, 1923*) que Maurice Tourneur adaptara ao cinema antes de Litvak (*L'équipage, 1928*). O enredo francês a partir do material literário francês serviu melhor a produção francesa semi-passada nas nuvens do que a americana, em que há pelo menos um plano remanescente dessa imagem persistente da primeira versão de Litvak. Mas não a mesma força, não a mesma noite. *L'équipage* de Litvak é um filme de sombras, nevoeiro, gravidade, altitude e funduras sondadas por uma câmara passeante. *The Woman I Love* retoma todos os temas, as premissas, algumas ideias de enquadramento, movimento, composição dos planos, em perda na perspectiva comparada. A sequência culminante do filme, uma sequência de morte suicidária, dá dessa circunstância a medida, a pungência, a diferença de pulso. Idem para a sequência de desfecho, cujo último plano se detém aqui numa imagem conjunta do casal sobrevivente, menos torturado do que, na versão francesa, o último plano solitário da Hélène/Denise de Annabella para o contracampo das nuvens com esquadrilha de aviação.

Miriam Hopkins, Hélène/Denise em *The Woman I Love*, estava, em 1937, a desacelerar a cadência esplendorosa do seu trabalho nos anos 1930 pré-Código Hays, quando Hollywood arriscava ser desenfreada, delirante ou crua e tinha na sexualidade uma âncora fluente. Foram os anos em que a jovem actriz, chegada da Broadway, se tornou estrela de cinema na comédia romântica, musical, no drama, terror, de *Fast and Loose* (Fred C. Newmeyer, 1930) em diante. O primeiro grande momento de luz ateou-o na pele da jovem prostituta Ivy Pearson do fabuloso *Dr. Jeckyll and Mr. Hyde* de Mamoulian. O encontro superlativo com Lubitsch no início da década de *The Smiling Lieutenant*, *Trouble in Paradise*, *Design for Living* casou a sua com a energia de personagens transbordantes, logo continuadas, pelo lado da escuridão, na protagonista de *The Story of Temple Drake*, a partir de Faulkner. Não ia a década a meio. No filme de Anatole Litvak (com quem Hopkins esteve casada em terceiras núpcias entre 1937 e 1939), que com esta produção RKO se estreava no cinema dos estúdios americanos, integrando o contingente dos muitos europeus que aportaram no cinema de Hollywood, a sua entrada em cena é um desmaio.

Assim dito não é exacto. O divertimento da cena que antecede o desmaio, antes da sirene que alerta para os bombardeamentos, decorre num teatro, com a rapariga, recém-chegada à sala, sentando-se entre dois jovens militares num mais que provável piscar de olhos ao papel da actriz em *Design for Living*. O filme em que compõe o vértice feminino de um *ménage à trois* com Fredric March e Gary Cooper não encontra neste um paralelo, mas a referência transparece nesta cena de *The Woman I Love* (inexistente na adaptação francesa anterior). Miriam Hopkins chega ao filme muito alva, vestida de viúva, apesar do estado civil contrário, em noite de variedades e bombas. O desmaio sucede ao desnorde da multidão em corrida para um abrigo subterrâneo e sinaliza porventura o receio pelo marido combatente por quem Hélène nunca esteve apaixonada, no momento que está prestes a apaixonar-se por um dos aspirantes a combatentes da cadeia do lado. Entre essa cena e a da despedida na estação, onde um movimento lateral de câmara para um grande plano dela revela como nesse instante se apercebe da ironia do destino que integra o jovem amante na unidade do marido, há uma única outra de permeio. A de uma dança num clube nocturno, com um relógio de pulso deixado sobre a mesa para esse tempo suspenso. Há “sempre” uma dança nos filmes de Litvak, a anterior foi a valsa de *Mayerling*.

Na economia narrativa de *The Woman I Love*, marcada por algumas elipses e movimentos simultaneamente firmes e graciosos de câmara ou então genuinamente bailantes, o tempo por vezes acelera. Se também há “sempre” uma dança de câmara nos filmes de Litvak, há “sempre” sequências de fundidos encadeados que interrompem, sublinham, fazem progredir, ampliam o raio da acção. Na da despedida do jovem tenente na estação de comboios, onde estão a mãe, o irmão pequeno e a amada, o outro movimento a assinalar é o que faz entrar em campo a rapariga no plano em que se posiciona ao lado da mãe do jovem tenente, as duas desconhecidas de olhos rasos de lágrimas fitando o comboio que se afasta. Leva o jovem tenente e leva muitos outros jovens, quem fica sabe que não sabe se voltarão. O fundido encadeado de despedidas contém essa amplitude colectiva que regressa noutros passos de caserna, taberna incluída, ou de combate.

Não é certo que Litvak ou a RKO tenham pensado na inspiração do título da canção de George e Ira Gershwin, mas tem piada notá-lo. *The Man I Love* (peça do musical da Broadway *Lady Be Good*, 1924) tornou-se uma das melodias populares americanas mais reconhecíveis de sempre. Exactamente dez anos depois deste filme, Raoul Walsh assina com esse título o melodrama *noir* em que Ida Lupino canta, *Maybe I shall meet him Sunday / Maybe Monday / Maybe not / Still I'm sure to meet him one day / Maybe Tuesdays...* É outro filme, outra história. Nas noites de Litvak, o jazz havia de fazer vibrar pelo menos um filme estimável de surpreendentes momentos em 1941, *Blues in the Night*.